

Gestão Cultural no Algarve

Jorge Queiroz (*)

A gestão cultural é uma disciplina recente, surgida sobretudo a partir da década de 80 do século XX, uma das respostas à evolução do fenómeno cultural nas sociedades contemporâneas e à profissionalização das suas componentes fundamentais de criação, produção e divulgação.

A gestão cultural promove a síntese dos conhecimentos das chamadas “ciências da cultura”, permitindo maior eficácia na organização das actividades culturais e artísticas, com recurso à economia da cultura e gestão financeira, normativos jurídicos e direitos culturais, arquitectura dos equipamentos e comunicação especializada, produção de espectáculos, curadoria de exposições, novas tecnologias em processos criativos, ...

As indústrias da cultura revelaram nestas últimas décadas grande capacidade de atracção em todo o mundo com adesão de milhões de pessoas às diferentes artes (7% do PIB mundial segundo o PNUD- ONU).

Para além destes aspectos positivos para as economias nacionais e conseqüente criação de centenas de milhares de empregos, revelaram-se também tendências para a “espectacularização” e a promoção de “eventos mediáticos”, com substituição do estudo, da aprendizagem e elaboração das artes.

A dimensão histórica e sócio-identitária dos lugares ou dos conjuntos edificados foi secundarizada.

A gestão cultural no Algarve

O Algarve passou, na segunda metade do século XX de uma região periférica predominantemente agrícola com comunidades piscatórias distribuídas ao longo do litoral e alguma industria transformadora, para a maior zona turística do País.

Implantou-se um modelo de turismo de massas, de características sazonais, muito ligado à amenidade do clima e a estadias de curta duração, o qual provocou grandes transformações físicas e ambientais. O turismo foi, na sua fase inicial, desenvolvido no Algarve por estrangeiros e empreendedores nacionais ligados ao imobiliário, à hotelaria e à construção civil. O desconhecimento da história social e património milenar da região originou a importação de modelos exteriores ou utilização descontextualizada de elementos da arquitectura regional, sobreutilização de imagens estereotipadas hipoteticamente representativas de uma “cultura algarvia”.

Transformou-se a cultura popular numa cultura turístificada.

A quase ausência de instalação de museus e de outros equipamentos privilegiados de investigação e análise da identidade cultural e artística do Algarve durante quase todo o século XX evidencia a insuficiência do pensamento estratégico e crítico na região, que não passou dos habituais discursos regionalistas e de circunstância.

Escassas foram as obras de referência editadas sobre a cultura algarvia durante o século XX.

Em várias cidades o património entrou em degradação, nalguns casos de forma irreversível. A produção artística regional continuou quantitativa e qualitativamente insuficiente tornando o Algarve dependente da produção externa e muito vulnerável a iniciativas descontextualizadas.

Foi sobretudo a partir das últimas duas décadas que, no Algarve e no País, se deram passos decisivos no reequipamento cultural, sobretudo pelo contributo da Rede Nacional de Leitura

Publica, da Rede Portuguesa de Museus e programas de apoio à construção de infra-estruturas culturais.

Contudo, a ausência de uma estrutura política regional legitimada pelos cidadãos, originou o desenvolvimento autocentrado em políticas de cidade, construção de equipamentos sem complementaridades e sem as necessárias sinergias supramunicipais, políticas focalizadas sobretudo nos problemas do crescimento urbano e na resposta às conjunturas de procura turística.

A dimensão cultural do desenvolvimento regional foi durante décadas subestimada e apenas há pouco tempo começou a ser considerada, sobretudo em resultado da mutação das características da procura e da concorrência de outros destinos turísticos, que se tornaram cultural e ambientalmente mais atractivos.

O turismo cultural aparece finalmente nos discursos projectivos da região.

Entre os problemas que afectam o desenvolvimento regional referiremos a ausência de um planeamento estratégico e definição de prioridades na salvaguarda e refuncionalização do património, construção de infraestruturas e programação regional, a confusão trazida com a efemeridade das animação/"eventos", turistificação da cultura, a fragilidade da produção artística regional profissionalizada.

A gestão cultural no Algarve é neste contexto uma necessidade incontornável. Em primeiro lugar porque é necessário qualificar o desenvolvimento regional, depois porque esse desenvolvimento se concretiza com profissionais correctamente formados e com programas adaptados às necessidades da região.

A componente cultural exige a participação dos profissionais da cultura nas esferas de planeamento estratégico, direcção e execução, especialistas capazes de orientar a criação de estruturas físicas, dinamizar programas e estimular o potencial humano da região.

A recente criação da Rede de Museus do Algarve, da AGECAL – Associação dos Gestores Culturais do Algarve, a atenção que a Universidade do Algarve está a dar à formação na vertente cultural, os processos de reequipamento de várias cidades algarvias, o aparecimento de projectos de iniciativa privada são sinais obviamente positivos para o futuro.

A AGECAL após ter realizado em Novembro último, na Universidade do Algarve e com elevada participação, o 1º Encontro de Gestores Culturais "Que desenvolvimento cultural para o Algarve?", prepara para o próximo mês de Abril o Seminário "Concepção e Gestão de Infoestruturas Culturais- o caso do Algarve", durante o qual serão debatidos a arquitectura e funcionalidade dos espaços culturais, os modelos de gestão e apresentados os principais projectos de infraestruturas culturais das cidades algarvias e o respectivo funcionamento.

(*)Sociólogo. Gestor Cultural. Presidente da direcção da AGECAL